

**Da febre e da curação em geral, ou Novo e seguro methodo de curar facilmente, por meio dos acidos mineraes, todas as especies de febre / pelo Doutor Gotofredo Chrestiano Reich, traduzido do alemão em francez pelo Doutor Marc, tirado em linguagem, e ampliado com annotações por M. J. H. de P.**

### **Contributors**

Reich, Gottfried Christian, 1769-1848.

Marc, C. C. H. 1771-1840.

Paiva, Manoel Joaquim Henriques de, 1752-1829.

National Library of Medicine (U.S.)

### **Publication/Creation**

Bahia : Na typ. de Manoel Antonio da Silva Serva, Anno 1813.

### **Persistent URL**

<https://wellcomecollection.org/works/bwd4pcmu>

### **License and attribution**

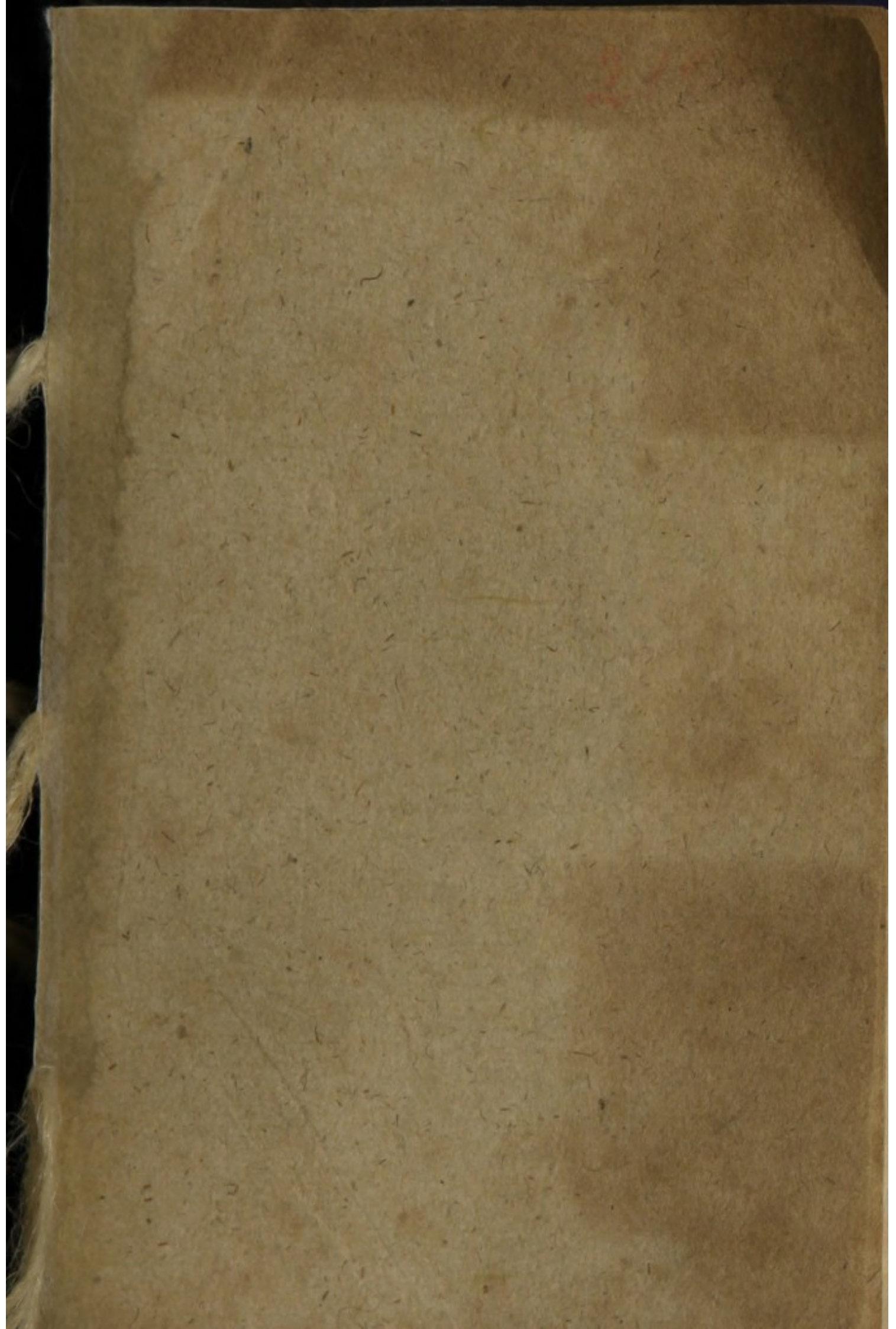
This material has been provided by This material has been provided by the National Library of Medicine (U.S.), through the Medical Heritage Library. The original may be consulted at the National Library of Medicine (U.S.) where the originals may be consulted.

This work has been identified as being free of known restrictions under copyright law, including all related and neighbouring rights and is being made available under the Creative Commons, Public Domain Mark.

You can copy, modify, distribute and perform the work, even for commercial purposes, without asking permission.

**wellcome  
collection**

Wellcome Collection  
183 Euston Road  
London NW1 2BE UK  
T +44 (0)20 7611 8722  
E [library@wellcomecollection.org](mailto:library@wellcomecollection.org)  
<https://wellcomecollection.org>



5612



# DA FEBRE

E

DA SUA CURAÇÃO  
EM GERAL,

OU

NOVO E SEGURO METHODO

De curar facilmente, por meio dos acidos  
mineraes, todas as especies de Febre;

PELO

DOUTOR GOTOFREDO  
CHRESTIANO REICH,

Traduzido do Alemão em Francez

PELO

DOUTOR MARC,

Tirado em linguagem, e ampliado com anno-  
tações

POR

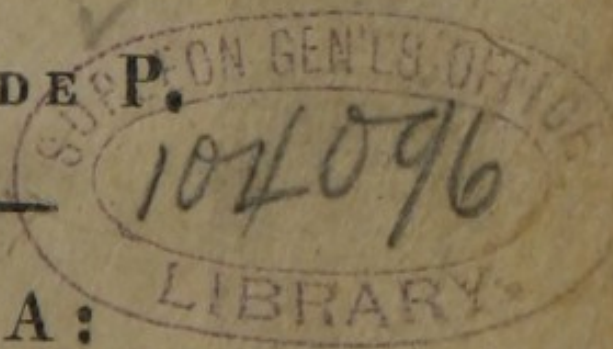
M. J. H. DE P.

BAHIA:

NA TYP. DE MANOEL ANTONIO DA SILVA  
SERVA.

ANNO 1813.

*Com as licenças necessarias.*





DA FERREIRA

II

DA SUA CURA

EM GERAL

*He entre applausos que se começam a usar os remedios; o tempo e a experiencia aperfeiçoam depois suas vantagens, assim como vão mostrando seus inconvenientes.*

**Paiva, filho, Compendio das enfermidades venereas.**



# AOS LEITORES

D. F.

M. J. H. DE P.

---

**H**Avendo o doutor *Reich* asseverado, que descobrira hum methodo seguro de sanear facilmente todas as especies de febre, e que o guardava em segredo, hum dos seus amigos fallou nelle ao Barão de *Hardenberg*, ministro do Rei de Prussia, e este o participou ao Rei, o qual immediatamente lhe ordenou que chamasse a Berlim o doutor *Reich* para fazer as experiencias do seu secreto methodo curativo, sob a vigilancia e presidencia do Real Collegio de Medicina.



Sendo a resulta das suas experiencias curas estupendissimas, e mesmo Rei reconhecendo a utilidade, que podia provir deste descobrimento, comprou o segredo ao inventor com a clausula de o manifestar com todas as explicações necessarias para por-se em pratica; o que com effeito cumprio na presente memoria, a qual he o summario fiel da nova doutrina das febres, e da sua curação em geral.

Doze e mais annos ha que esta memoria foi publicada de ordem do mesmo Rei pelo Real Collegio de Medicina de Berlim, a qual traduzida depois da linguagem Alemã na Franceza, pelo doutor *Marc*, publicou-se no quarto tomo das *Memorias da Sociedade medica da emulação de Paris*, donde eu a tirei em linguagem Portuguez, que agora offere-

re-



reço ao público com algumas anotações.

Prescindindo eu de avaliar o merecimento desta memória, sómente digo que comprehende duas partes, huma theoretica ou a exposição systematica, a qual parecerá escura, e extravagante áquelles, que ignoram a Quimica moderna; e outra practica ou experimental, firmada em alguns feitos, remetendo-se o seu autor ás explicações mais amplas, e á Historia das enfermidades, que, sendo o seu methodo, curou, á outra obra, que publicou, e imprimio em *Nuremberg* no anno de 1800, com o titulo de *Casos das enfermidades*.

„ Não procurarei aqui, diz *Reich* §. LXXXI, de captivar a opinião dos medicos; eu lhes tenho exposto as razões, que me obrigaram a olhar as febres sob  
hum



„ hum novo ponto de vista ; a  
„ les toca discutir estas razões,  
„ e ver se a experiencia as con-  
„ firma. „ Nenhum medico pru-  
dente, e que tenha lido alguma  
cousa se intro metterá na discussão  
da sua theoria, certo que esta de-  
ve estribar na verdadeira experi-  
encia, e que o uso dos acidos mi-  
neraes nas febres, e noutras mui-  
tas enfermidades, he antiquissimo,  
e tão geral que até os medicos ex-  
pectadores nominaes reconhecem  
as suas virtudes, postoque as ta-  
xem.

E porém, para desfazer esta  
taxa, era minha tenção que esta  
memoria saísse á luz, acompanha-  
da de hum summario chronolo-  
gico do uso, que os medicos tem fe-  
to dos acidos mineraes, quer mi-  
turados com agua, quer com o al-  
cohol, e com as substancias aroma-  
ticas, nas diversas enfermidades  
do

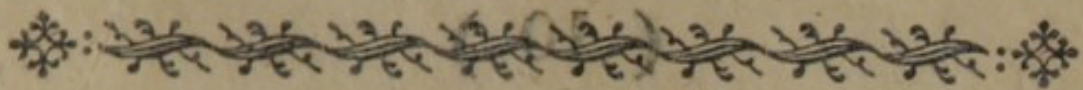


corpo humano; mas, além de  
e tolher aquella minha tenção  
quebrantamento das forças por  
achques continuados, faltam-me  
os livros necessarios, que, em ra-  
zão das minhas adversas circum-  
stancias, não posso haver. Virá  
tempo em que satisfazer possa os  
meus ardentes desejos, e então  
darei mais huma prova de que a  
minha terra amei e a minha gen-  
te. Bahia 8 de Fevereiro de 1813.



corpo humano; mas, além de  
de colher aquella minha tenção  
multiplicando das forças por  
recursos continuados, faltam-me  
os meios necessarios, que, em tra-  
ção das minhas diversas circum-  
stancias, não posso haver. Virei  
tempo em que satisfazer possa os  
meus ardentés desejos, e então  
darei mais huma prova de que a  
minha terra amei e a minha gen-  
te. Bahia 8 de Fevereiro de 1813.

DA



# DA FEBRE

E

## DA SUA CURAÇÃO EM GERAL.

—  
§. I.  
**E**Xaminando-se accuradamente as diversas funcções do corpo humano, se respeitaraõ necessariamente como a resulta de *combinações quimicas*, combinações, que modificam incessantemente a *materia organica*.

§. II.  
Para que estas combinações ( §. I. ) se effeituem, cumpre necessariamente admittir a existen-



cia de muitos principios de natureza opposta, cuja acção reciproca de huns sobre outros seja perennal.

§. III.

Pertencendo pois as referidas combinações (§. I.) a huma Quimica, que poderia chamar-se *vital*, claro está que ellas forçosamente hão de ser mui varias; com effeito deve contar-se entre os elementos destas combinações a *assimilação* das materias hêterogêneas, a sua separação ou secreção, as differentes proporções das mesmas materias, olhadas respectivamente á qualidade e á quantidade: em fim, a differença dos mesmos orgãos, em que estas mudanças se effectuam.



## §. IV.

Deste continuó movimento produzido pela reciproca acção dos principios oppostos (§. II.), resulta a *vida como fenomeno sensivel*, por tal que poderia definir-se por *uma inclinação continua das materias heterogéneas para a homogeneidade*, isto he, para a *assimilação* na substancia organica, que compõe o corpo vivente. Renovando-se todavia de continuo esta substancia pela materia que lhe suministram incessantemente as substancias alimentosas, e nutritivas, nunca póde effectuar-se a mudança em materia organica *constante*. Este circulo ou movimento perpetuo necessita das forças ou dos principios oppostos ( § II. ), os quaes não podem conceber-se sem a existencia de outra materia orga-



nica *primitiva*; donde conseguintementem corre que as forças pertencem essencialmente á materia. Passando dahi á applicação deste principio, diremos que as forças organicas, e os corpos organicos são identicos, e significam unica e absolutamente a mesma cousa, por quanto he impossivel de entender a sua existencia ilhada; quando pois se diz que as forças organicas constituem a organisação, quer dizer, que a organisação he constituida por si mesma. Sendo as faculdades organicas a resulta de combinações quimicas, a organisação que he tambem a resulta daquellas, será hum producto quimico, e igualmente todo e qualquer effeito da organisação, a saber, a força ou poder vital, a incitabilidade, a sensibilidade, a irritabilidade, a força productiva;

em



em summa tudo quanto póde reputar-se por causa, seja qual for o nome que a estes effeitos se dê.

§. V.

A *base da vida* estriba portanto na materia organizada, a qual passa a ser *organicante*, de sorte que a vida resulta como *fenomeno* do encadeamento da organização. Não se deve comtudo confundir a base da vida organica com a primeira origem e fonte de toda a vitalidade; aquella demostra-se por hum argumento de analogia de semelhança, tirado da experiencia, em huma palavra pelos effeitos, ao mesmo tempo que a segunda escapando á observação, não temos nenhuns dados ácerca da sua natureza, e

uni-



unicamente podemos fazer algumas conjecturas arriscadas.

§. VI.

Sendo as forças existentes no corpo humano a resulta de combinações quimicas ( §. IV. ), os efeitos destas forças serão também productos semelhantes; assique deve-se olhar os fluidos e suas mudanças ou alterações, dependentes da mesma lei; e como os solidos podem por ultima analyse ou decomposição, reduzir-se a os fluidos de que são compostos, esta lei lhes he igualmente applicavel. Entendendo eu aqui a palavra *fluido* no sentido mais amplo, comprehendendo os fluidos liquidos, ou fluidos aeriformes ou em forma de ar, e todos os fluidos conhecidos com o nome de *magne-*



*gnetico*, de *galvanico*, de *electrico*, &c. Pela palavra *quimica* entendo não só as combinações das moléculas da materia *inorganica* ou sem organisamento, mas tambem as que se fazem entre as substancias elementares, de cujo concurso procede a materia organica.

§. VII.

Corre directamente dos principios expostos, que todas as mudanças e modificações, que no corpo humano póde haver, procedem das combinações quimicas das suas substancias elementares *constitutivas*; que a influencia destas combinações resurte ás forças intellectuaes, as quaes influem tambem nellas; visto que na organização nada existe ilhado, mas tudo he reciproco e encadeado. Não  
sen-



sendo este o lugar de provar a dita reacção das forças intellectuaes, contento-me de indicar aos observadores os phenomenos do galvanismo, cuja contemplação me guiou a estabelecello por principios.

§. VIII.

O corpo humano, que segundo o progresso geral da natureza, está exposto á influencia das forças quimicas, cuja acção consiste em reduzir as moléculas integrantes á homogéneidade, não poderia existir nem conservar-se *in statu quo* se a esta inclinação não se opposesse outra directamente opposta, isto he, huma inclinação para a heterogéneidade: em quanto se conservar o equilibrio entre estes dous effeitos oppostos, o corpo humano permanecerá no  
mes-



mesmissimo, estado isto he, vivi-  
rá; logo que o equilibrio se rom-  
per, ou ceder á inclinação das  
forças quimicas para a homogé-  
neidade, no mesmo instante se  
quebrantarão as leis da quimica  
vital, obedecendo elle á fysica ou  
quimica dos corpos *inorganicos* ou  
sem organisamento, em huma pa-  
lavra cessará de viver.

§. IX.

Devemos por tanto reputar  
todas as operações da quimica vi-  
tal por outros tantos fenomenos,  
pelos quaes o corpo humano ma-  
nifesta a sua *vitalidade*: estas ope-  
rações, estes fenomenos são essen-  
cialmente distinctos daquelles, que  
a quimica dos corpos *inorganicos*  
offerece. Ambas as quimicas com-  
prehendem as mesmas leis de af-



finidades electivas ( 1 ), mas a primeira differe da segunda em ser o *corpo animal* o seu centro, e em admittir por condição essencial a variedade dos principios, quando a *quimica fysica* abrangendo a natureza inteira, reconduz tudo á unidade.

§. X.

As importantissimas operações da *quimica vital*, são a *respiração* e a *nutrição*; a total cessação de huma ou de outra, produz a morte.

§. XI.

A *respiração* he a função mais essencial do *corpo humano*; todas as outras lhe são subordinadas e como secundarias.



§. XII.

He por meio da respiração que o corpo humano decompõe o ar atmosferico, e que tira delle o *oxygeneo*, indispensavel á vida. Quer o *oxygeneo* entre pelos bofes ou pela pelle, quer obre immediatamente sobre o sangue, ou sirva unicamente para a combinação mais intima dos diversos fluidos depositados pelo sangue nas differentes partes do corpo, são questões estas, a meu entender, indifferentes, e só devemos aqui occupar-nos da accção do *oxygeneo*, cuja necessidade está bem provada!

§. XIII.

O *oxygeneo* não he a unica parte constitutiva do ar atmos-



ferico , o azoto he igualmente outra , não contando huma pequena quantidade de gaz acido carbonico , que , a meu ver , não se deve reputar por parte essencial do ar atmosferico ( 2 ) .

§. XIV.

A quarta substancia , que serve para a combinação das precedentes ( §. XIII. ) , e as retém em fórma de gaz , he o *calórico* de cuja existencia se duvidou ultimamente com o fundamento de não ser possível apresentallo *ilhado* : com o mesmo fundamento se duvidaria da existencia de todas as substancias simples , as quaes conhecemos sómente pelos seus fenomenos , taes como as materias electrica , magnetica , galvanica , &c. He bem ver-



verdade, que ignoramos a sua *essencia*, e a ignoraremos sempre, do mesmo modo que a do *calórico*, do qual não perceberemos a *sua existencia senão no momento da combinação com outro corpo opposto*. Todo phenomeno he já por conseguinte o producto de dois principios oppostos. Cada hum destes principios simples acha-se extincto no phenomeno, e identificado no producto; por isso não póde perceber-se ilhadamente; mas póde-se estar certo na sua existencia quando o dito producto póde ser analysado ou decomposto, e os principios achados nelle pela analyse ou decomposição, nunca se obtém ilhados na sua combinação com outros corpos. A esta quarta substancia, que retém, e conserva as outras no estado aeriforme



ou em fôrma de ar , e que he a causa do fenomeno *calor* , damos o nome de *calórico* ; usamos deste nome , assim como daquelles de oxygenco , de azoto , de carbonio , de materia electrica , &c. para nomear as substancias simples , ou que até ao presente não se poderam ainda analysar ou decompôr.

§. XV.

A quinta substancia constitutiva do ar atmosferico he a luz , a qual , assim como o *calórico* , parece ser huma modificação particular da electricidade. Prescindido desta questão , e deixo tambem para outro tempo muitas investigações sobre a natureza da combinação , que , na atmosfera , se faz entre o oxygeneo e o azoto , da qual não resulta o acido  
ni-



nitrico ; sómente advertirei que he possível que este resultado não appareça em razão da grande afinidade , que entre si tem , 1.º a luz e o oxygeneo ; 2.º o calórico e o azoto ; 3.º a luz e o calórico ; talvez he preciso accrescentar-lhe o entre-meio de muitas substancias gazosas , que nos são ainda desconhecidas.

§. XVI.

O ar atmosphérico não he respiravel senão quando o oxygeneo está nelle *frouxamente* combinado. . . Des o instante que se combina mais intimamente com qualquer gaz perde esta qualidade , ganhando immediatamente tal adherencia com a sua base , que não póde separar-se della no bofe.



§, XVII.

A respiração deve reputar-se pela mais simples operação da química vital, visto que a combinação do oxygeno com o sangue, ou com as substancias gazozas, que se soltam e sepáram d'elle, se effectua conforme as Leis de affinidade reconhecidas.

§. XVIII.

Como no acto da respiração sirva unicamente o oxygeno, he natural perguntar-se porque a natureza derramára com tanta sobegidão na atmosfera huma substancia tão inutil a esta funcção como o azoto, e não lhe substituirá o oxygeno? Para responder a esta pergunta nos aproveitaremos de alguns principios precedentemente-



mente estabelecidos. Dissemos que todo o phenomeno era a resulta do effeito reciproco de dois principios oppostos ( §. IV. ), que a existencia de todo o movimento dependia da existencia de duas forças, cuja resistencia era mutua, e que sendo a vida hum movimento não podia tambem ter lugar senão por esta especie de luta entre os principios oppostos; os quaes reconhecemos por mais essenciaes nas duas partes constitutivas do ar atmosferico; nem o oxygeneo, nem o azoto se deve considerar hum com exclusão do outro, como principio vital, mas ambos são igualmente essenciaes á vida posto que exerçam funcções differentes; o azoto por ser abundantissimo e o mais universalmente derramado, deve reputar-se pelo *principio vital*, irri-

tan-



tante , incitativo e positivo ou real ; o oxygeneo ao contrario por principio vital moderador ou debilitante , temperante e negativo ( 3 ). Adiante apontarei os motivos , que me obrigam de attribuir ao oxygeneo esta funcção : o que acabo de dizer contribuirá para conceber-se a razão , que a natureza teve em não formar o ar atmosferico de oxygeneo sómente , e de ligar a nossa existencia com a respiração contínua , e em fazer toda a organização animal , a alma , e o corpo dependentes dos nervos , os quaes não são destinados como se julgava , á secreção de hum fluido particular , mas servem de conductores do oxygeneo e do azoto. Aquelles , que veem os teitos em que estriba o galvanismo , não duvidarão nada do destino do genero nervoso. ) In-



§. XIX.

Independentemente destes dois principios ( §. XVIII. ), existem tambem outras *condições de vitalidade internas*, com as quaes a existencia do corpo está essencialmente ligada ; a combinação e a modificação, quer seja dos principios externos de que acabamos de fallar, quer dos principios internos residentes no corpo, estabelecem estas condições, e a sua união ou encadeamento fórma a *nutrição*; a qual he a causa da duração da organização, e huma função, que exerce o corpo, para tirar das substancias alimentosas os principios necessarios á sua conservação; mas como esta função só póde effectuar-se pela decomposição dos alimentos nos seus principios elementares, de-

ve-



ve-se igualmente respeitar a nutrição como hum verdadeiro processo de quimica vital, pertencendo por conseguinte todas as secreções e excreções á nutrição, como operações quimicas secundarias.

### §. XX.

Logo as substancias, que formam a materia das secreções e a das excreções obedecerão ás leis absolutas da affinidade quimica; as quaes postoque sejam firmes e invariaveis, podem padecer no corpo humano algumas variações por differentes causas.

### §. XXI.

Quando as leis de affinidade forem modificadas de maneira que resulte o perfeito equilibrio entre  
as



as diversas funcções do corpo humano , este gozará do estado de saúde ; tanto que este equilibrio se romper , ou as causas externas forçarem estas leis a seguir hum curso opposto áquelle da *vitalidade* , e avisinhar-se tambem ao da quimica *inorganica* , desde esse momento a enfermidade succederá á saúde ; quanto mais prompta esta desordem for , tanto mais rapida e notavel será a mudança , que se lhe seguir.

### §. XXII.

Quer estas materias , incapazes de ser sujeitas á acção da quimica vital , cheguem directamente ao corpo , quer ellas sejam alli separadas das substancias alimentosas , quanto maior for a sua quantidade , tanto mais  
prom-



prompta será esta mudança, neste caso serão nocivas por *excesso de irritação*.

§. XXIII.

E como as leis da química vital podem, segundo as da organização, ser actuadas pela reacção das forças intellectuaes ( §. VII. ), qualquer modificação destas poderá mudar o estado da saúde no de enfermidade, e reciprocamente.

§. XXIV.

Quando a nutrição padece alguma modificação doentia, percebe-se immediatamente nas secreções: este phenomeno me obrigou a reputar as secreções por huma operação segundaria.



§. XXV. A influencia do estado de saúde, ou de enfermidade sobre o das secreções e das excreções, está provada evidentemente pela differença, que se observa entre os productos de ambos os estados oppositos.

§. XXVI.

He principalmente nas febres que esta differença ( §§. XXIV., e XXV. ) se observa com maior facilidade: os productos das secreções e das excreções contém então mais ou menos substancias, que não deveriam conter no estado de saúde; a urina, as fezes, a respiração, as feições do rosto, o sangue, o fel, todo o corpo padecem alterações, que não escapam ao práctico, mor-  
men-



mente áquelle, que olha a organização sob o seu verdadeiro ponto de vista, e debaixo da sua *relação quimica.*

§. XXVII.

No estado de saúde, as secreções e as excreções conservam entre si tal proporção, que resulta dahi o equilibrio geral. Nas febres, ao contrario, não ha esta proporção, e, por consequencia este equilibrio necessario, em que, a meu ver, cõsiste a saúde: como, em ambos estes estados, as secreções e as excreções não são mais do que decomposições e combinações de materias, que affeioam o corpo vivente por diversas maneiras, julgo que não se póde comparar melhor a união e encadeamento destas operações

do



do que com a *fermentação*. E não sendo a febre senão o effeito das excreções e das secreções modificadas differentemente do que as aquellas, que no estado de saúde observamos, esta comparação lhe he igualmente applicavel. A natureza das secreções e das excreções deve por tanto ser a regra pela qual devemos ajuizar do *estado febril*; e se o estado de saúde consiste na decomposição e combinação das substancias contidas no mesmo corpo, ou recebidas de fóra continuando o *equilibrio geral*, o estado de febre deve consistir na decomposição, e combinação doentia destas mesmas substancias, descontinuando o *equilibrio geral*. Em summa, no primeiro caso teremos a *fermentação natural*, no segundo a *fermentação preternatural*.



§. XXVIII.

Não percamos o ponto de advertir que quando nos servimos da palavra *fermentação* para declarar certa ordem de combinações acontecidas no corpo humano, quer no estado de saúde, quer no de enfermidade, não pretendemos que esta ordem de combinações se effeitue do mesmo modo do que na fermentação dos corpos *inorganicos*; nós reconhecemos, ao contrario, que as diversas faculdades de que goza o corpo cheio de vida, modificam esta ordem de combinações de hum modo particular, iadaque as leis de affinidade sejam as mesmas, e entendemos que qualquer producto obtido na fermentação *inorganica*, jamais poderá ser argumentado fundamental para preten-

der.



der-se outro producto semelhante na fermentação organica, postas as mesmas circunstancias.

### §. XXIX.

Sendo a enfermidade em geral huma modificação do estado de *vitalidade* ( §. XXI. ), a febre, que he hum genero de enfermidade, será huma modificação *particular* deste mesmo estado de *vitalidade*, e a palavra *febre* será a expressão generica, que designará esta modificação.

### §. XXX.

Designando a expressão *febre* huma forma particular, commum a todas as enfermidades, que se chama *febres*, todas ellas se assemelharão por esta forma commum.



§. XXXI.

A esta forma commum ( §. XXX. ) chamaremos carecter generico, o qual deve ser mais apparente e realçado, e achar-se em todas as especies particulares de febres.

§. XXXII.

Assim ( §. XXXI. ) deve ser em virtude deste axioma tão conhecido, *que o que convem ao genero, deve convir a especie, o que não he reciproco.*

§. XXXIII.

Todas as febres, desde a *efemera* ou diaria simples até á peste, não são mais do que diferentes especies de hum genero commum; e, para que seja boa a

de-



definição da febre, deverá comprehendêr o seu character generico ( §. XXX ).

§. XXXIV.

¿ Mas em que consiste este character generico ( §. XXX. )? Por mais difficil que a sua comprehensão pareça, entendo que se póde conseguir pela numeração exacta dos fenomenos da febre.

§. XXXV.

A experienciã nos ensina em primeiro lugar que tudo o que perturba a proporção, que deve haver entre os dous principios da *vitalidade* ( §. XVIII. ) e as substancias tanto simples como compostas existentes no corpo, produz a fermentação doentia ( §. XXVII. ),



e os symptomas, que caracterisam a febre.

§. XXXVI.

Estes symptomas consistem na maior ou menor mudança das secreções e das excreções; mudança originada da cessação da devida proporção das diversas substancias, que obram no corpo humano tanto externa como internamente. Esta cessação procede da diminuição do oxygeneo, quer ella seja real, quer proceda do gasto e consumo extraordinario deste principio.

§. XXXVII.

Deve-se pois dizer que o caracter generico da febre, he a decomposição e *recomposição* preternatural das moléculas elementares do corpo humano produzidas pela



la diminuição total ou relativa do oxygeneo local ou universal. Pela expressão *preternatural* não pretendo designar *nada*, que seja contrario ás leis geraes da natureza, o que implicaria contradicção, vista a sua impossibilidade, mas sim huma tal combinação como a proporção dos elementos da qual resulte alteração do estado de saúde.

§. XXXVIII.

A diminuição do oxygeneo pode provir de causas *externas* ou *internas*.

§. XXXIX.

As causas *externas* são as constituições ou temperaturas nocivas da atmosfera, as diversas especies de miasmas e de *virus exan-*  
*the-*



*thematicos*, cujo effeito no corpo humano he a mudança da devída proporção, que existe entre o oxygeno e as outras substancias, e a formação de outras ordens de combinações.

§. XL.

Independentemente das referidas causas ( §. XXXIX. ) tudo o que for capaz de impedir e atalhar o progresso da fermentação natural, que incessantemente se effeictúa no corpo, deve contar-se no numero destas causas. Aquelles, que conhecem a influencia da temperatura do ar, da electricidade na fermentação *inorganica*, não duvidarão do que assevero ácerca da fermentação *organica*.



§. XLI.

A febre pode tambem originar-se de todas as causas internas preexistentes no corpo, ou que podem nelle desenvolver-se.

§. XLII.

Os solidos do corpo humano estão sujeitos á acção das sobre-ditas causas, tanto internas como externas ( §. XXXIX, XL, e XLI ), entre as quaes cumpre contar a reacção intellectual ( §. VII ), a qual perturbando as funcções dos musculos, dos nervos, dos vasos, &c, produz o phenomeno, que chamamos *febre*.

§. XLIII.

Das differentes explicações, que



que acabamos de fazer , parece que podemos concluir que a causa proxima de todas as febres consiste ou na quantidade minima de oxygeno introduzido no corpo , ou na combinação doentia deste principio , ou na accumulção e soltura das substancias simples , taes como o azoto , o hydrogeneo , o carbonio , o enxofre , o fosforo ; ou alfim , em todas as combinações possiveis destas substancias , quer entre si , quer com as substancias externas capazes de as modificar , como o calórico , a luz , a materia magnetica , electrica , &c.

#### §. XLIV.

Cada huma destas substancias ( §. XLIV ) póde occasionar mais ou menos o estado , que cha-



chamamos *febre*; o fôco em que a sua acção se desenvolver, a natureza da acção, a maneira como a incitabilidade das partes organicas for ahí affeioada, são cousas, que podem variar, e portanto, constituir as differentes especies de febres. No tocante á determinação exacta das relações, que ha entre estas variedades, he o que não podemos assignar segundo o estado actual dos nossos conhecimentos de medicina.

#### §. XLV.

Sempre que designamos o estado de enfermidade com o nome de *febre*, cumpre para a exactidão deste nome, que a proporção do oxygeneo com as outras substancias do corpo humano, não seja como no estado de saúde: acon-



acontece neste caso por causas moraes ou fysicas que as ditas substancias excedem ao oxygeneo, tanto separada como collectivamente.

§. XLVI.

Quanto maiores forem as forças das faculdades organicas para restabelecer aquella proporção de oxygeneo da qual resulta o perfeito equilibrio, tanto mais facil será a curação desta ou daquella especie de febre; e para que esta cura se consiga será preciso supprir a falta de oxygeneo com as devidas cautélas, a fim de não lesar alguma entranha necessaria á vida.

§. XLVII.

O oxygeneo deve ser o effiacissimo meio de curar a febre, por



por quanto seja qual for a causa proxima desta enfermidade, a causa primitiva he sempre a falta absoluta ou relativa de oxygeno ( §. XXXVII ). No caso de ser relativa a falta do oxygeno, póde fazer-se mui bem que a sua quantidade seja maior do que a necessaria para manter o equilibrio de que resulta a saúde, mas então acha-se combinado com diversas bases *oxydaveis* ou *acidificaveis*, das quaes não póde separar-se mais, e em tal caso estas bases obram como potencias irritantes. Se alguem pois se maravilhar do que tenho dito ácerca do oxygeno rogo-lhe que pondere com madureza as considerações seguintes :

1.º Todas as substancias conhecidas, simples ou compostas, tem huma inclinação con-  
ti-



tinua para se combinarem com o oxygeno preferindo-o a outro qualquer corpo, sendo reciproca esta inclinação.

2.º A dita inclinação não he prova de ser o oxygeno essencialmente opposto ás mesmas substancias, por quanto as queima sem nunca poder ser queimado.

### §. XLVIII.

Sendo as febres originadas da falta do oxygeno (§. XXXVII), não pódem remediar-se senão subministrando aos enfermos este principio; mas como he impossivel de obter-se só e ilhadamente, cumpre escolher aquellas substancias com que está mais pura e simplesmente combinado, em huma palavra aquellas, que tiverem ex-

pe-



perimentado a mais completa  
combustão ; estas pois são os aci-  
dos.

§. XLIX.

Todo o acido he huma sub-  
stancia queimada pelo oxyge-  
neo, e composta d'elle e de hu-  
ma base acidificavel: des o ins-  
tante da sua combinação, estes  
dous corpos não são já os mes-  
mos, que dantes eram mas sim  
hum terceiro corpo, no qual se  
acham confundidos, e que cha-  
mamos *acido*. Quanto mais pre-  
valecer neste producto o oxyge-  
neo, mais proprio será para a  
curação da febre.

§. L.

De todos os acidos, os mi-  
neraes são os mais saturados e  
far-



fartos de oxígeno; além disso, possuem a importante propriedade de se oppor segura e promptamente á excessiva desenvoltura do calórico; e portanto deve-se usár delles com preferênciã aos outros medicamentos.

§. LI.

Talvez se faça a isto (§.L.) huma objecção, e he que, não sendo hum acido o oxígeno, he até hum corpo em que este está tão intimamente combinado, que não póde separar-se facilmente, e por tanto parece que não deve produzir o effeito esperado ou promettido, conforme a minha theoria, isto he, do oxígeno livre e separado. Ora a esta objecção occorrerei unicamente com os seguintes feitos:

Lo-



1.º Logo que se combina qual-quer acido com outra substancia, effeitua-se huma verdadeira combustão, a saber, esta substancia tira-lhe o oxygeneo: reputamos a dita combinação por huma verdadeira combustão, por quanto combinando-se hum acido mineral com as materias animaes, ou vegetaes obtem-se o mesmo producto, que resulta da combustão, a qual he mais ou menos viva, mais ou menos complecta, conforme a maior ou menor força do acido; em todos os casos porém ha sempre combinação do oxygeneo,

2.º O mesmo producto deve haver no corpo humano; des o momento que hum acido se introduz nelle, combina-se com as substancias, que encerra, e

D

as



as queima, segundo o acido he mais ou menos diluido na agua, ou noutras substancias, e conforme o maior ou menor gráo da temperatura do corpo humano: tenho que as substancias, que não se podem decompor pela quimica experimental, como o acido muriatico, se decomporão no mesmo corpo vivente, porque o muriato de soda ou sal marinho parece ser de absoluta necessidade á raça humana, e a sua base hum dos elementos do seu corpo, posto que nos seja desconhecida ( 4 ).

§. LII.

Havendo asseverado (§. L. ) que os acidos mineraes possuam a propriedade util de oppor-se rapidamente a excessiva desenvoltu-

tu-



tura do calórico , cumpre fazer aqui alguma explicação para não parecer contradictorio com o que a experiencia ensina a este respeito. Primeiramente advirto que nunca podem administrar-se os acidos mineraes como remedio no seu estado puro e concentrado , e que carecem sempre de outras substancias , que diminuem a sua força , ou os diluam e lhes sirvam de *vehiculo* ou *excipiente*. Quando o acido se combina com os fluidos organicos , o calórico desenvolve-se e combina-se com a substancia empregada para diluir o acido , a qual tem huma grande inclinação para sorver o calórico , que ella perdera na sua primeira combinação com o acido. O calórico huma vez combinado , não póde mais separar-se ou restituir-se ao estado de liber-

D 2

da.



dade , que constitue o que chamamos *calor febril secco* , mas deixa o corpo e sae pela via natural das secreções e das excreções.

§. LIII.

Sem embargo de ter mostrado ( §. XIV. ) o que se deve ajuizar da objecção daquelles , que reputam o calórico , o oxygeneo , o azoto , e o hydrogeneo por entes hypotheticos ou suppostos ; todavia torno ao mesmo assumpto , porque nunca ha sobegidão , a meu entender , no que se diz ácerca das verdades fundamentaes da sciencia. Verdade he que a natureza destas substancias nos he desconhecida , visto que a sua existencia só he manifestada no momento da sua combinação com outra substancia opposta ; o feito

po-



porém mostra ser muito possível não conhecermos huma substancia, inda que na verdade exista; e todas aquellas de que acabamos de fallar estão neste caso, sendo com tudo real, mui verdadeira e conhecida a sua existencia no instante em que se combinam entre si, ou com outros corpos. No tocante ás provas remetto-me á complecta analyse ou decomposição dos gazes compostos do calórico commum e opposito a todos, e da sua particular base; á decomposição da agua nos dous gazes, a saber, o oxygeno e o hydrogeneo, os quaes novamente combinados produzem a mesma quantidade de fluido liquido; á decomposição do ar atmosferico, composto de oxygeno e de azoto; finalmente á dos acidos formados todos de oxygeno e



e de huma base acidificavel. E termino dizendo que a

1.º *Hypothese* he huma supposição ou conjectura que se faz para conseguir certas results, as quaes podem ser verdadeiras ou falsas, segundo a verdade ou falsidade dos calculos, isto he, segundo estes são ou não conformes á natureza das cousas. Assimque a *hypothese* não suppõe essencialmente feitos.

2.º *Theoria*, ao contrario, he sempre huma enfiada de feitos assaz contestados e coordinados; a qual póde alterar-se, visto que o systema dos nossos conhecimentos póde crescer e engrandecer-se. Os feitos porém são sempre existentes, e hum  
fei-



feito bem examinado, he huma verdade eterna.

§. LIV.

Sendo pois a theoria (§.LIII.2) a enfiada de feitos, póde servir para aclarar tal ou tal ponto escuro desta ou daquella sciencia. Aqui, por exemplo applicamos a theoria da quimica moderna á medicina practica: Ora se a experiencia nos provar que a cura de todas as febres depende do restabelecimento da conveniente e devida proporção de oxygeno, e que por conseguinte os acidos são as substancias a que deve dar-se a primazia, necessaria e forçosamente concordaremos na exacção e utilidade desta applicação.



## §. LV. e LVI.

Havendo considerado a febre como huma especie de fermentação, durante a qual, certos elementos do corpo se apartavam huns dos outros, e formavam outras ordens de combinações (§. XXVII), deve nella acontecer alguma cousa semelhante aos fenomenos da fermentação fysica, salvo com tudo as modificações que as condições da vitalidade lhe devem dar.

## §. LVII.

Ora sabendo nós que a fermentação fysica póde ser modificada por certas circumstancias, como a maior ou menor temperatura, a addição de materias capazes de a excitar ou enfraque-



cer, devemos crer que a febre póde igualmente ser acompanhada de certas circumstancias, que favorecem ou suspendem o restabelecimento do equilibrio.

### §. LVIII.

Assim como o producto da fermentação fysica não se effectúa de hum jacto, mas d'espaco e em tempo limitad<sup>o</sup>, assim tambem a febre, que he producto da fermentação organica, se desenvolve e termina em certo espaco de tempo, que a natureza determina.

### §. LIX.

A fermentação *inorganica* ou fysica corre necessariamente os diversos grãos da *escala da fermentação* primeiro do que chegue ao  
que



que a constitue producto , ro qual ella pára ; a febre tambem corre necessariamente os differentes grãos da sua escala antes de chegar ao seu termo , e de acabar e extinguir-se com o seu producto , que he a *crise* ; a massa febril póde chegar-se mais ou menos a este derradeiro grão da escala da fermentação , e por conseguinte ser mais ou menos prompta e feliz a sua terminação: Ora he sabido que ha meios de aproximar a massa febril a este ultimo grão , isto he , de apressar a fermentação organica ; sendo portanto a curação da febre mais ou menos breve , segundo os meios de que se usar. De mais tendo eu dito tambem que a terminação da febre dependia do restabelecimento da conveniente e devida quantidade de oxygeneo ( §. LIV ) ;

to-



todos os meios que forem azados para cooperar a este fim deverão antepor-se a outro qualquer.

§. LX.

Guiado eu pelos sobreditos principios; convencido intimamente da applicação indispensavel do galvanismo á explicação dos phenomenos do corpo animal, tanto no estado de saúde como de enfermidade, que tem relação com o movimento; ensinado pela multidão de experiencias galvanicas que as funcções das partes organicas se mantêm unicamente pela continuada e reciproca acção das forças oppositas, acção de que o oxygeneo e as substancias acidificaveis me parece ser a causa, considerando, além disso, que os acidos podem até chegar a destruir a *incitabili-*  
da-



*dade*; conduzido emfim pela observação diaria do instincto dos febricitantes, que os faz sollicitar os acidos e todas as substancias fartas de oxygeno, e sabendo o feliz uso, que delles se tem feito em todos os tempos, postoque não se tenha discorrido sobre a causa destes successos; eu tinha sobeja razão de reputar os acidos mineraes por medicamento o mais azado para a cura complecta das febres, e até de presumir que com elles conseguiria resultas igualmente favoraveis, empregando-os nos ultimos periodos das febres onde a morte parece proxima; periodos em que nenhum medico pensou em os administrar (5).

§. LXI.

Autorisava-me particularmente  
te



te a ter esta esperança (§. LX) por bem fundada a identidade ou semelhança do periodo, que, a meu entender, ha nas febres sem lesão essencial de *orgãos*, sejam quaes for as suas modificações accessorias. Com effeito se não perdemos o ponto do que dissemos ácerca do derradeiro gráo de fermentação doentia, ver-se-ha que, sendo este sempre o mesmo, o perigo que elle essencialmente constitue, he tambem sempre o mesmo. Quanto mais a materia organica corre com velocidade os differentes gráos da escala, tanto maior he o perigo; e tanto menor, quanto he menor esta velocidade. Este progresso rapido ou vagaroso procede da influencia maior ou menor das causas internas e externas, e das affinidades mais ou menos repetidas, que



que se effectuam entre as partes elementares do corpo vivente.

§. LXII.

Primeiro do que tudo tratava-se de determinar a quantidade dos acidos, que podia sem risco dar-se. Como o meu corpo era já avezado a muitas experiencias de quimica e de galvanismo, deliberei-me a experimentar nelle os effeitos dos differentes acidos, começando pelo acido *sulfurico* ou *vitriolico*, em razão de ser o mais forte, e de haver-se em todo o tempo usado internamente com felicissimos successos; gozando, além disso, da propriedade de decompor-se facilmente pelo carbonio e o hydrogeneo numa temperatura subida. Comecei a tomallo em pequena quantidade augmentando-a

pou-



pouco e pouco por grãos; emfim, o que me pareceo incrível, se eu o não experimentasse, cheguei a tomar huma onça ( seis oitavas e meia e doze grãos do pezo Portuguez ) de acido sulfurico concentrado no espaço de huma hora, numa indigestão que causei de proposito. Não experimentei mais do que grande tezura na região do ventre, acompanhada de copiosa ventosidade que saía por cima, e no dia seguinte, depois de passar a noite inquieta e perturbada por sonhos, descomi muitas fezes aguacentas. Nesta experiencia tive o cuidado de diluir e enfraquecer o acido sulfurico em muita agua.

§. LXIII.

Passado algum tempo depois  
des-



desta experiencia ( §. LXIII. 11 de Dezembro de 1796. ) tive occasião de ver huma enferma com todos os signaes de morte proxima, a saber, soluços, sobressaltos dos tendões, carphologia. (6) Reputando todos elles por outras tantas convulsões galvanicas, produzidas pela desenvoltura de substancias oppostas ao oxygeneo, retribado eu na resulta de alguns experimentos feitos nos animaes, entendi que poderia diminuir esta extrema *incitabilidade*, offerecendo ás ditas substancias destructivas o entremeio de huma combinação facil.

#### §. LXIV.

Deliberei-me por tanto a dar o acido sulfurico concentrado, misturando com gottas delle cem duas  
par-



partes de água, e para evitar o  
 assobio, que faz quando se lhe  
 bota água, o assobio, que estamê-  
 drontaria a enferma, e o misturei  
 com sufficiente quantidade de água  
 e de xarope de framboesa, e o  
 dei á enferma, mas não revessou  
 logo, e por isso o dei depois em  
 duas doses de cincoenta gottas ca-  
 da huma. Como não pô vomitou  
 mais dei as cem gottas em cada  
 huma das duas doses ultimas,  
 que lhe fiz tomar.

§. LXV. O ventre da enferma estava  
 extremamente ventoso, o que pro-  
 eedia, a meu ver, da desenvol-  
 tura notavel de gases mistos, mo-  
 tivo que me determinou a expe-  
 rimentar a applicação de hum  
 meio externo capaz de modificar



estes gases; e conhecendo eu os felizes successos dos clisteis com vinagre nos casos de malignidade, deliberei-me de experimentar outro meio semelhante, a saber, hum clister de acido muriatico ou marinho diluido em agua, com preferencia ao acido sulfurico, já por ser mais fraco e mais volatil do que este, e já porque, separado em fórma de gaz, se combina facilmente com os outros. Mandei pois botar-lhe hum clister de agua quente com quarenta gottas de acido muriatico, o qual provocou hum copioso curso, acompanhado de muitos flatos de que resultou notavel allivio: este decidido e real melhoramento me animou a dar segundo clister, cujas consequencias responderam ás minhas esperanças, ficando salva a enferma do



eminentissimo perigo no espaço de algumas horas.

§. LXVI.

Animado eu por huma cura tão maravilhosa ( §. LXV. ), repeti a minha experiencia com as devidas cautelas em infinitos casos, e tive occasião de convencer-me pela practica a mais feliz, que nenhuma enfermidade conhecida com o nome de febre, resiste aos *acidos mineraes* applicados como medicamentos, que a cura se effectua em brevissimo tempo, sempre que não ha lesões organicas essenciaes, e nem o medico nem o enfermo commette erros.



§. LXVII. *de algunas horas.*

Muito tempo ha que eu usava do acido sulfúrico, segundo já disse ( §. LXII, LXIII, LXIV ), mas vendo por experiência que os enfermos muitas vezes o recusavam, que a sua acção era assás lenta, impedindo-lhe a sua pouca volatilidade ceder facilmente o seu oxygeno; que algumas vezes produzia incommodidades no estomago, e deliberei-me, depois de infinitas ponderações, a substituir-lhe o *acido muriatico*, no qual descubria a util propriedade de volatilisar-se mais do que todos os outros acidos, além de poder dar-se em quantidade muito maior do que o acido sulfúrico, e havendo conseguido com elle na practica effeitos tão felizes como com este ultimo, não hesito em



recommendo com preferencia a todos. Permitta-se-me de advertir que estou admirado de nunca se cuidar em investigar quaes podiam ser as utilidades do uso do acido muriatico, sendo elle 1.º de sabor mais agradavel, e os enfermos não o recusarem tanto como o acido sulfurico; 2.º sendo o mais volatil de todos; 3.º Constituindo com a soda ou *alcali mineral* hum sal necessario e indispensavel ao homem, qual he o *muriato de soda* ou *sal marinho*, que a maior parte dos animaes busca com ansia, e que he abundantissimo na natureza: e como tudo tem hum fim, eu o reputo por importantissimo á economia animal. Não responderei agora ás objecções, que poderiam fazer-se á cerca de não poder decompor-se o acido muriatico nos labora-

to-



torios quimicos : no tocante a isto, remetto-me ao ( §. LI. ) ( 7 )

§. LXVIII.

Sendo pois conformes á natureza das cousas os fundamentos , em que me restribo , para recommendar os ditos acidos em todas as especies de febres , eu devia conjecturar que se tiraria igual utilidade dos outros acidos mineraes , dados nas mesmas circunstancias ; com effeito a experiencia converteo a minha conjectura em certeza. O primeiro que experimentei foi o acido nitrico com o qual conseguí effeitos estupendissimos , particularmente nas dysenterias , nas diarrheas chronicas e dolorosas. Sem embargo disso tenho-me abtido do seu uso em muitas circunstancias , 1.º por  
ser



ser menos volátil do que o acido muriatico ; 2.º por não poder decompor-se inteiramente , e formar com o azoto o acido nitroso a porção de oxygeneo separada ; o qual acido nitroso , segundo a engenhosa theoria de *Mitchel* , difere pouco dos effluvios de que se originam as horrendissimas enfermidades epidemicas ; 3.º emfim por haver observado muitas vezes que o seu uso causava aos doentes huma notavel inchação ventosa. ( 8 ) Tenho usado tambem do acido fosforico em alguns casos urgentes , mas com elle não obtive successos assás notaveis , talvez por ser o mais fixo de todos os acidos : demais a sua carestia obstaría ao seu frequente uso (9). As resultas do acido muriatico oxygenado foram muito mais felizes , mormente nos casos de subita ces-

sa-



sação de oxygeno, como no estado modorrento. Todavia não creio que mereça preferir-se ao acido muriatico por conter este realmente muito menos oxygeno do que aquelle. Não fallo dos acidos vegetaes, inda que des largo tempo a sua utilidade seja reconhecida nas benignas enfermidades febrís: nem assento que deva prescrever-se estes acidos nas febres hum pouco graves, visto que contém grande quantidade de hydrogeno e de carbonio ( 10 ).

§. LXIX.

Ora para que todos os referidos acidos ( §. LXII. até LXVII. incluso ) obrem com maior efficacia, convém applicallos immediatamente aos orgãos geraes da nutrição, isto he, ás vias da digestão:



tão: no estomago he que a sua accção tem maior energia, e depois no canal das tripas por meio de clisteis. A sua applicação á pelle offerece tambem grandes utilidades; usa-se delles já em banhos, já em fomentações, tendo a cautela de os diluir e enfraquecer em sufficiente quantidade de agua.

§. LXX.

Antes de expôr mais circunstanciado o modo de administrar os acidos, julgo necessario responder a huma objecção, que poderia parecer bem fundada, e he: se ha meios conhecidos e certos de sanear as diferentes especies de febres, para que se ha de recorrer aos acidos? Estes meios, cuja efficacia está contes-



tada pela experiencia , são além disso huma prova de que os acidos não são tão necessarios e indispensaveis como se pretende. A esta objecção respondo que 1.º todos os medicamentos atégora usados contra as febres são substancias mineraes mais ou menos acidificadas ( azedadas ) , ou vegetaes mais ou menos ricas de oxygeno livre , ou de oxygeno combinado : o que disscimos a traz sobre a utilidade das substancias mineraes acidificadas , e ácerca das vegetaes fartas de oxygeno livre , isto he , dos acidos nos dispensa de entrar em novas explicações. Unicamente resta-nos explicar o modo como os vegetaes fartos de oxygeno combinado , isto he , de oxygeno , que faz parte constitutiva do seu ente , podem curar a febre ; 2.º tenha-se presente o  
que



que tambem dissemos ( §. XVIII ) que o oxygeneo entrava como principio negativo na organisação do corpo animal , no qual estava numa especie de conflicto contínuo com os principios oppostos ; devendo entender-se igualmente a respeito do corpo vegetal que he tambem organizado , como todas as experiencias comprovam ; 3.º os experimentos de *Fourcroy* demonstraram que a quina contém muito oxygeneo : as cascas indigenas com que a quina se tem substituido para o mesmo fim contém igualmente o oxygeneo ; o qual , segundo as minhas experiencias , existe nellas na razão directa da sua densidade. As plantas aromaticas e os seus productos indirectos , a saber , as resinas , os oleos volateis , ou ethereos , os espiritos , sobre tudo o alcohol, os etheres



res e o alcanfor encerram muito oxygeno combinado, assim como o opio. Em summa toda a natureza vegetal offerece diversos grãos de oxydação, que escapam á decomposição quimica dos nossos laboratorios, mas que não resistem aos poderosos menstros do laboratorio da natureza ( 11 ). Estou pois inclinado a crer, e realmente creio que os nossos órgãos decompõem o oxygeno combinado dos vegetaes; creio tambem que os medicamentos, que constam de principios oppostos ao oxygeno, podem effectuar a cura das febres, combinando-se com as substancias do corpo humano, e penso que he desta maneira que obram os irritantes volateis usados com utilidade nas febres; 4.º posto que estou mui longe de negar a possibilidade da decom-

po-



posição do oxygeno combinado, como póde acontecer que a natureza não se ache nas circunstanças favoráveis de effectuar esta decomposição pela falta absoluta ou relativa de oxygeno, penso que he infinitamente mais prudente usar dos meios, que supprém immediatamente a dita falta de oxygeno. Ora se na vida commum se demanda e segue a via mais direita e a mais singela, porque não se praticará o mesmo na medecina. pelos scidos e pelos scidos

§. LXXI.

Concordo todavia em que podemos existir casos nos quaes seria mais prudente administrar os medicamentos, que obram *mediatamente* do que aquelles cuja acção he immediata. O vomitorio, Qual por



por exemplo , as purgas , os clis-  
 teis podem muitas vezes antepor-  
 se a outro qualquer medicamen-  
 to , visto que provocam a evacua-  
 ção de materias cuja demora des-  
 envolveria incessantemente hum  
 novo irritante febril. Os banhos  
 e as fomentações podem igualem-  
 te concorrer para a cura das fe-  
 bres , produzindo o equilibrio do  
 calórico necessario em toda a eco-  
 nomia animal. Precedentemente  
 declarámos o modo de augmentar  
 pelos acidos a sua efficacia. Pro-  
 ponho-me alfim a publicar huma  
 obra na qual descreverei as cir-  
 cunstancias em que reputo por  
 necessario o uso dos medicamen-  
 tos auxiliares de que acabo de  
 fallar.



§. LXXII.

Qual he a quantidade de acidos necessaria para complectar a cura radical de huma febre? Esta pergunta não me parece de natureza tal, que possa resolver-se, por quanto nunca conheceremos a somma exacta das potencias irritantes, devendo nestes casos ser o seu successo a nossa unica regra. Pertence, pois, á perspicacia dos medicos determinar a applicação, e uso dos acidos, por tal que se consiga a cura sem offender nenhum orgão. Seria ridicularia exigir-se de mim, que marcasse as quantidades dos acidos, com que se pode sanear esta ou aquella febre em certo espaço de tempo. A administração destes medicamentos dependerá sempre do medico sabio e allu-  
mia-



miado, tanto que o homem ignorante obrará sempre cegamente e ás apálpadélas.

§. LXXIII.

He huma regra geral de therapeutica, que cumpre ter sempre presente, que na prescripção dos medicamentos deve haver huma sabiã e prudente discrição. Se dará portanto os acidos mine-  
raes ( §. LXIV., e LXVIII. ) no principio e no crescimento das fe-  
bres, mas em pequenas e mui-  
tas vezes repetidas quantidades, por exemplo, des huma oitava ( 60 grãos portug. ) até meia onça ( tres oitavas e hum escropulo portug. ), misturados com huma ou muitas onças de xaropé, e se pode ajuntar-lhes, se as circun-  
stancias o exigirem, algumas oi-  
ta-



tâvas de qualquer substancia es-  
 pirituosa ou irritante ( 12 ). Des-  
 ta bebida se dará huma ou duas  
 colheres de hora em hora , ou de  
 duas em duas horas , e se irá  
 augmentando até meia taça , ten-  
 do o cuidado de diluir com agua  
 cada dose , ou de a beber em  
 cima , o que he indifferente. No  
 caso de perigo , ou no momento  
 de crise cumpre dar no mesmo  
 tempo des huma oitava ( *sessen-  
 ta grãos portug.* ) até duas oita-  
 vas ( *huma oitava e dous escro-  
 pulos portug.* ) ( §. XL. , L. , e  
 LX. ) , até cem gottas , e re-  
 petir-se a bebida quando o exi-  
 gir o caso. Como o acido sulfu-  
 rico he mais forte do que os aci-  
 dos muriatico e nitrico , deve dar-  
 se em menor quantidade ; pelo  
 contrario sendo o acido muriati-  
 co oxygenado mais fraco de to-  
 dos ,



dos, se dará em grande quantidade, isto he, des humia onça ( *seis oitavas e dous escropulos portug.* ) até duas ( *onça e meia, tres oitavas e hum escropulo portug.* ) por cada vez de meia em meia hora, ou de hora em hora. Cheguei a tomar deste acido oito onças ( *sele onças, cinco oitavas e hum escropulo portug.* ) no espaço de quatro horas, e muitos dos meus enfermos o tomaram na dose de doze onças e mais ( *dez onças e mais portug.* ) no mesmo espaço de tempo, sem que provocasse senão dous ou tres cursos aguacentos.

#### §. LXXIV.

Vê-se finalmente que a força intensa dos acidos não he realmente essencial; a presença dos  
si-



signaes mais ou menos favoráveis deve ser a unica regra que sirva de guia ao medico ; ora será necessario diminuir , ora augmentar a dose ; e qualquer que seja a força ou a fraqueza dos acidos se poderá sempre remediar segundo as circumstancias. Com tudo para a exacção das resultas he melhor usar-se do acido , cuja força seja constante e bem conhecida ( 13 ). No tocante ao uso mais ou menos dilatado do medicamento pertence tambem ao medico , visto que a practica póde offerecer infinitas variedades. No segundo volume dos *Casos das enfermidades* marcarei mais particularmente a quantidade , que tenho dado em cada huma dellas.



## §. LXXV.

Como algumas vezes os enfermos sentem tanto o sabor forte e desagradavel dos acidos, que carecem de grandes cautélas para os tomar, he necessario diluillos e enfraquecellos com sufficiente quantidade de agua ou adoçallos com algum xarope, advertindo-se todavia que elles estão enfraquecidos. Será mais facil de dar o acido em grande quantidade ao enfermo, que estiver em perigo, aproveitando esta circumstancia. Da pouca cautéla com que ás vezes o medico dá o acido, resulta as gretas dos beiços e da superficie interna da boca; estas gretas com tudo devem attribuir-se de ordinario a huma disposição para a esfoladura originada da violencia e malignidade da

mo-



molestia. Quando se dá os ácidos a tempo com as cautélas, que tenho declarado, não se deve temer a excoriação do estomago, por quanto elles tem muito maior affinidade com as substancias fluidas e gazozas, que, durante a febre, existem sempre no estomago e nas tripas, do que com o carbonio de que consta a teia destes orgãos. O uso dos ácidos embota immediatamente os dentes, porém he incommodidade, que nada prejudica. Exceptas as enfermidades chronicas, nas quaes ella mostra algumas vezes que he preciso descontinuar o seu uso.

§. LXXVI.

Bem que os signaes do *Sucesso favoravel*, depois do uso dos  
aci-



ácidos sejam extremamente variados e inconstantes ; com tudo deve-se contar como annuncio do proximo restabelecimento da saúde , quando sobrevém á crise perigosa , os symptomas seguintes : vomitos apenas se acaba de engolir , borbórinhos na região do ventre , grande cópia de ventosidades , camaras ás vezes violentas , elevação do pulso , augmento ou diminuição do calor , suores , salivação , excreção maior de urina , tranquillidade notavel , somno , &c. mas sobre tudo , recobramento dos sentidos que se tinham perdido. Deve-se conjecturar igualmente bem da proxima cura , quando recáe em hum somno cheio , pacifico , durando o qual , a velocidade do pulso se diminue e aquieta. Em quanto aos indicios mais circumstanciados ,



dos, veja-se os meus *Casos das enfermidades*.

§. LXXVII.

Eis-aqui o que a observação me tem ensinado atégora ácerca dos signaes mortaes : nodoas ou piutas no corpo e na cara ; hum olho meio aberto, e outro paralytico ou fechado ; a cornea, que ao principio com o uso dos remedios era mais clara, agora está novamente turva ; diminuição do sentimento, depois de huma vez recobrado, e ao mesmo tempo a cara cadaverica, ou, como se diz *hypocratica* ; crescimento do estertor ; intercadencia, inconstancia, desigualdade do pulso. Todos os outros symptomas, que os medicos reputam por signaes de morte, me tem pare-

ci-



cido incertos , e a sua resulta ora favoravel , ora funesta , quando não acompanhavam aquelles , que acabo de expôr ; em todos os casos porém he necessario co- tejar huns com outros symptomas e sommallos ; o que unicamente póde adquirir-se pela larga e la- boriosa experiencia. Em huma pa- lavra , deve o medico empenhar- se em possuir aquella grande e singular arte de individuar , e se- guramente prognosticar , cousa , que todas as regras da therapeu- tica não podem ensinar.

§. LXXIX.

Os principios expostos nesta memoria devem considerar-se uni- camente como os pontos cardeaes do meu systema das febres , e que são os mais importantes ao pra-  
cti-



ctico, por tal que meditando-os grangeará a arte de tratar felicemente todas as enfermidades conhecidas com o nome de *febres*, entre as quaes conto a *hydrophobia*. Reservo para outra obra, que sairá á luz com o titulo de *Doutrina das febres* a desenvoltura e explicação mais ampla dos ditos pontos. Talvez que me reprochem por ter applicado a *quimica* á medicina; mas eu já defini o que entendia pela palavra *quimica*, e a amplidão que lhe dava (§. VI.) Julgo esta applicação tão essencial que estou assaz convencido de que a ella deverá a medicina os seus utilissimos descobrimentos. A experiencia em fim tem comprovado o que eu olhava sômente como probabilidade. Os feitos appoiaram as minhas conjecturas, e confesso que



que não conheço prova mais segura, nem menos equívoca. O meu systema, se na verdade he hum systema, tem além disso a util vantage de reunir todos os outros em hum só ponto. Tendo empregado toda a minha vida na investigação dos meios, que podiam ser uteis aos homens; dar-me-hei por bem pago das minhas fadigas e dos meus penosos trabalhos, se alguns me devem a sua existencia. Termino esta memoria por hum summario das utilidades que julgo resultam do meu methodo de curar as febres, summario que eu já fiz ante a commissão real.

§. LXXX,

A primeira destas utilidades he que, mediante os principios, que estabeleci ácerca da consti-  
tui-



tuição organica do homem, se poderá erguer hum edificio menos imperfeito em fysiologia e em pathologia, do que aquelle, que atégora tínhamos; os que desejarem conhecimentos mais amplos, recorram ás obras de *Humboldt*, *Reil*, *Schelling*, e *Ritter*, os quaes, depois do meu descobrimento, seguiram mais ou menos o mesmo rumo,

### §. LXXXI.

A segunda das ditas utilidades he que se poderá daqui em diante observar todas as enfermidades febrís, sem exceição, debaixo de hum ponto de vista mais exacto, curallas com maior segurança e promptidão, evitar em brevissimo tempo o perigo, em todos aquelles casos em que não es-



estiverem lesos os órgãos necessarios á vida, e em que não houver nenhuma particular complicação; e em geral abbreviar o termo da enfermidade e obviar os symptomas mais penosos. Não procurarei aqui de captivar a opinião dos medicos; eu lhes tenho exposto as razões que me obrigaram a olhar as febres sob hum novo ponto de vista; a elles toca discutir estas razões e ver se a experiencia as confirma. Nem tenho pretendido dar hum meio, cuja efficacia fosse infallivel em todos os casos; para isso seria necessario exceder a raia de homem; tudo quanto posso certificar a este respeito, he que em infinitos casos em que, segundo as indicações *semeioticas* conhecidas, não havia que esperar, consegui com o meu methodo cura-



rativo o perfeito restabelecimento. Cumpre ter feito as experiências, que eu tive occasião de fazer, para entender-se que poucas horas bastam para desvanecer o perigo. Nem careço de explicar agora o que entendo por perigo; todos os medicos sabem o que por esta expressão se deve entender; unicamente advirto que attendo mais ao *essencial* do perigo do que á sua *fôrma*. Antigamente reputava-se por symptomas de perigo imminente, os sobresaltos dos tendões, a *carphologia*, os soluços, o estertor, a cara cadaverica ou hyppocratica, e então se administrava os irritantes volateis, os antispasmodicos, e os antisepticos, que se julgavam bem indicados; jámais eu ousaria substituillos com os acidos mineraes, se indicações galvânicas

cas



cas e os principios estabelecidos *a priori*, não me tivessem de alguma sorte assegurado anti-padamente a sua efficacia nos mesmos casos. Outros medicos viam nestas circunstancias espasmos, humores gotosos ou rheumaticos, cumulos de saburra, ou hum gasto do poder vital, da incitabilidade, &c. e eu em tudo isto não vejo senão falta de oxygeneo, e em consequencia practico o meu methodo curativo. Estou convencido ser possivel que hum medico, ou por comprehender mal os meus principios, ou por não attender devidamente ao progresso da enfermidade possa ter na practica resultas penosas; mas em tal caso será elle só o tachado, por quanto eu atrevo-me a prometter huma practica felicissima a todo o medico, que seguir exacta-



etamente o meu methodo curativo.

§. LXXXII.

A terceira utilidade, que resulta dos meus principios, he que a curação de muitas enfermidades reputadas atégora por incuraveis ou ao menos por perigosissimas, poderá aperfeiçoar-se muito, e esperar-se com fundamento da sua perfeição huma cura radical. Estas enfermidades são aquellas, que pertencem mais particularmente á classe das febres, inda que offereçam certas complicações, a saber, a *hydrofobia*, a *peste*, a *febre amarella*, a *tisica do bofe*, e em geral todas as *febres lentas* ou *hecticas*. Na verdade depois do meu descobrimento não se me offereceo occasião de tratar das tres primeiras; porém



rém o successo complecto que a experiencia me offereceo em todas as outras especies de febres, he, a meu ver, huma grandissima probabilidade. Demais muitos pontos do seu antigo curativo, me provam que a sua curação deve ser conforme á theoria geral das febres. Advirto aos medicos que nos casos de hydrofobia julgo essencial dar os acidos antes que se tenha declarado algum ataque. Tenho curado muitos tísicos com o uso só dos acidos mineraes. Nestes casos a febre contínua he consequencia mui natural da chaga dos bofes, chaga, que se oppõe á introducção da quantidade necessaria de oxygeneo; a exacerbação, que nesta enfermidade se observa de tarde, e durante a noite, assim como em todas as outras febres, procede de estar

en-



então o ar atmosferico mais carregado de azoto. Fundado eu nesta observação lhes dava o acido sulfurico na dose de huma onça ( *seis oitavas e dous escropulos portug.* ) n'uma só noite, e o acido muriatico na dose de onça e meia ( *huma onça e duas oitavas portug.* ) ; no dia seguinte sentiam-se alliviados, indaque na vespera estivessem em summo perigo, e assim os curava com o uso moderado destes medicamentos, quando o estado dos seus bofes permittia esta cura. Durante toda a curação eu lhe fazia tomar, de duas em duas horas, quinze, vinte, trinta, até quarenta gottas de acido sulfurico ou muriatico, em agua, ou em xaropes, ou ainda melhor em aguardente ou em alcohol, e todos os dias passavam melhor e tão robustos



quanto o seu estado permittia. Eu me exprimo assim por causa da maior ou menor lesão dos seus bofes , por quanto se esta lesão he notavel , se os bofes scirrosos obstam á entrada do oxygeneo , a cura he então impossivel , visto não caber no poder do medico a reproducção das partes organicas ; nestes casos he assaz inutil fazer respirar o gaz oxygeneo ; e o unico meio de prolongar a vida destes desaventurados consiste no uso interno dos acidos. O que acabo de dizer da tísica do bofe , compete a todas as febres lentas ( 14 ).

### §. LXXXIII.

A quarta utilidade consiste em poder tratar-se daqui em diante por methodo seguro , simples ,  
e



e mui económico, as febres nervosas conhecidas com o nome de *podres*, as *dysenterias*, as *enfermidades dos arraiaes* e dos *hospitaes*. Huma velha experiencia des largo tempo tinha feito reconhecer a utilidade do acido sulfurico, dado em pequena dose nestas sortes de febres ( 15 ); mas como se usava d'elle misturado com os tonicos, os antisepticos, attribua-se a estes exclusivamente a sua cura, e todavia empecia-se a acção deste acido pelo hydrogênio, e pelo carbonio das substancias com que se dava. Como se ignorava o principio dos acidos, que cura a febre, e o seu modo de obrar, todas as vezes que ao uso dos acidos sobrevinha flatulencia, ou diarrhea, suspendia-se logo este uso; sendo elles então, como atraz se vio, importantissi-



mos , possuindo a propriedade de neutralizar e de expulsar as substancias muito irritantes de que procedem estes fenomenos. Em fim , eu penso que a dysenteria , na qualidade de febre complicada com huma doença particular , demanda ser tratada com os acidos ; unicamente permittia no começo da enfermidade o vomitorio , ou as purgas pelas razões allegadas ( §. LXXV. ). Disse precedentemente como se podia accelerar a cura combinando-se os acidos com o alcohol , ou aguardente ; ninguem ignora quanto estas ultimas substancias são ricas de oxygeneo.

( 16 )

## §. LXXXIV.

A quinta utilidade , que resulta immediatamente da precedente ( §. LXXXIII. ) , consiste  
em



em poder os medicos dos exerci-  
tos impedir a origem e o progres-  
so de huma parte destas enfer-  
midades , tanto quanto está no  
poderio dos homens. Conseguir-se-  
ha este fim dando-se aos solda-  
dos , principalmente no tempo das  
fadigas , do máo tempo , ou de  
outras circumstancias nada favo-  
raveis , hum elixir semelhante ao  
de *Haller* por *diaria ração* ; com  
este meio se prevenirá as enfer-  
midades terriveis , que roubam  
mais soldados ao estado do que  
as guerras mais homicidas.

§. LXXXV.

A sexta utilidade he que as  
bexigas , o sarampo , a escarlati-  
na , a tosse ferina ou convulsiva ,  
e as outras enfermidades das crian-  
ças serão muito menos pernicio-  
sas ,



ras, a sua mortandade será muito menos notavel, o que constitue huma septima utilidade, que tenho por huma das mais preciosas á sociedade.

### §. LXXXVI.

A grande mortandade das crianças, depende, a meu entender, da falsa supposição que no seu estomago existem acidos, e por isso se receitam os alcalis ou os absorventes, cura esta que tenho por excessivamente pernicioso. Apenas acontece huma vez de cem que exista neste orgão semelhante acido; he sempre huma sorte de formação de acido carbonico, durante a qual, separa-se o calórico, que produz na boca do estomago a sensação dolorosa conhecida com o nome de



*pyrosis*, ou *ferro quente*. Ora neste caso, os alcalis não podem fazer mais do que palliar a molestia, por quanto sómente absorvem o acido carbonico. Tenho portanto abandonado a curação alcalina nas enfermidades das crianças, e des este momento não me morreram mais do que tres. Nas enfermidades epidemicas os acidos mineraes, dados em grande dose, produziram effeitos assaz maravilhosos; não são estes os unicos casos em que eu os dou; a experiencia a mais feliz me convenceo da sua utilidade em todos os accidentes, que acompanham a saída dos dentes ou a *dentição*, nos vomitos, nos casos em que ordinariamente se presume a existencia de hum acido, em algumas especies de convulsões, na tosse ferina ou convulsiva, na  
 fla-



flatulencia ; e como as crianças tomam com muita difficuldade os medicamentos de sabor algum tanto desagradavel , será necessario disfarçar aquella do acido sulfurico , misturando-o com maior quantidade de xarope e de agua ; o acido sulfurico se dará na dose de trinta grãos até duas oitavas (*oitava e meia e doze grãos portug.*) tomando o doente duas colheres da mistura de duas em duas horas. Quando me sirvo do acido sulfurico concentrado , ou do acido muriatico , não o dou senão de trinta até sessenta grãos , e sirvo-me do alcohol para vehiculo. Havendo dores dou o laudano liquido de *Sydenhã* , ou a tinctura de ópio. Escuso de recomendar a utilidade dos clis-  
teis , do vomitorio e das purgas em alguns casos. Torno a fallar des-



desta ultima prescripção , porque , tendo as crianças grande repugnancia ao que fere o seu paladar , he muitas vezes impossivel de lhes fazer tomar a quantidade necessaria á sua curação. Não se deve temer de dar os acidos ás crianças nos casos mais extremos ; muitas vezes os vi com o estertor da morte , frios , a respiração intermittente , e serem salvos por este meio ; o acido muriatico com as differentes especies de ether , ou qualquer outra substancia volatil oxygenada me tem sobretudo vindo a effeito.

§. LXXXVII.

A oitava utilidade , que resulta do meu methodo de curar as febres , he a reforma feliz , que causará na curação das outras

tras



tras enfermidades sem febre. Com effeito não ha, a meu ver, senão duas classes de enfermidades: as universaes, isto he, as febres, as enfermidades locaes ou organicas; ora muitas vezes acontece que estas derradeiras se mudam em febres, ou são acompanhadas de febres; então póde admittirse o meu methodo curativo pelos acidos, junctamente com todos os outros medicamentos, que se costuma prescrever nesta sorte de enfermidades. Não proponho pois hum remedio universal; como parece que entenderam os membros da commissão real; aponto sómente hum meio de curar as febres, o qual, a meu entender, póde applicar-se a todos os casos em que houver complicação de febres com outras enfermidades locaes.



## §. LXXXVIII.

Finalmente a derradeira utilidade, que não deve desprezar-se quando os meios propostos oferecem as mesmas resultas, he a economia nas despezas. Até ao presente o Estado tem sido obrigado de fazer grandes despezas com os remedios exóticos; eu mostro hum meio assaz simples de se escusarem; a simplicidade na curação deve ser hum dos fins do medico illustrado, e eu a reputo por huma utilidade grandissima, e digna da sua attenção.

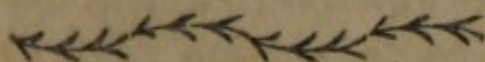








NOTAS.



NOTA GERAL.

**A** Obscuridade desta memoria no original alemão , mormente na exposição da parte systematica , obrigou ao D.<sup>or</sup> *Marc* de cingir-se na versão francez ao sentido do autor , e não ás suas proprias expressões ; a frequente repetição do mesmo , fez que aquelle supprimissee as repetições , e se remetteste pelos números aos paragrafos em que repartio a mesma memoria , nos quaes são expostos os principios a que se refere. Eu na versão portuguez segui a trilha do D.<sup>or</sup> *Marc*.

( 1 ) Eu não creio , diz o D.<sup>or</sup> *Marc* , como o autor , que a quimica vital guarde as mesmas leis , que a quimica *inorganica* guarda ; facil he de provar com effeito que a força vital pôde operar mudanças , que não concordem com as nossas leis quimicas , 1.<sup>o</sup> porque , sem embargo de todas  
as



as analyses das matérias excretórias e secretorias, não cabe em nosso poder de os preparar fóra do corpo orgânico animado; 2.º por quanto os feitos tirados da observação da natureza mostram que, depois dos ácidos sulfurico e nítrico, o ácido muriatico he o que tem maior affinidade com os alcalis, de sorte que os muriatos de soda, de potassa e de ammonia, não podem decompor-se senão por aquelles dous ácidos; todavia vemos que as plantas marinhas, dotadas certamente de menos *vitalidade* do que o corpo animal, decompõem o muriato de soda, e adquirem o alcali mineral ou soda, que se combina com o seu ácido vegetal. Transportando-se pois estas plantas para lugares remotos do mar, não dão mais do que potassa como todas as outras plantas, o que prova que a soda ou alcali mineral provém do muriato de soda ou sal marinho contido na agua do mar.

( 2 ) O ar atmosferico he hum composto de 0,24 de gaz oxygeno e de 0,76 de gaz azoto, proporção, que varia des 0,22 até 0,28 do primeiro, e des 0,76 até 0,72 do segundo. Além destes dous gazes, elementos primitivos do ar atmosferico, acha-se neste des hum até tres centesimos de outro fluido elastico, conhecido  
com



com o nome de acido carbonico , não falando na agua , no calórico , na luz : no fluido electrico , magnetico existentes sempre na atmosfera , sem que sejam partes essenciaes della. O gaz oxygeneo ou ar vital he o oxygeneo fundido no calórico : chama-se oxygeneo porque muitos corpos que o sorvem , convertem-se em acidos , e ar vital por ser o unico fluido elastico que entretém , e conserva a vida. O gaz azoto he o azoto combinado com o calórico ; chama-se *azoto* por privar os viventes da vida.

( 3 ) Confesso ingenuamente que não entendendo como o azoto suspendendo o movimento muscular , exaurindo o poder vital ou a incitabilidade , e matando rapidamente os animaes , possa reputar-se pelo *princípio vital , irritante , incitativo , e positivo ou real*. ; Acaso o seu effeito será tão rapido , violento e invisivel como o do raio , que augmentando sobremaneira o incitamento , gaste n'um momento a incitabilidade , produza a debilidade indirecta e alfim a morte ? Muito menos posso entender como o oxygeneo , que incita o poder vital , augmenta e reforça o movimento muscular , e he em summa hum energico e poderoso incitativo , seja o *princípio vital moderador ou debilitante , temperante e negativo*. Não  
mo



me quadram as razões do autor , e todavia concordo com elle na practica.

( 4 ) O autor , diz o D.<sup>or</sup> *Marc* , reconhecendo que a base do muriato de soda ou sal marinho he desconhecida , e como póde asseverar que esta base he hum dos elementos do corpo humano ? Similhante asseveração parece ao menos atrevida , sendo certo que a fuligem , que resulta da combustão dos animaes mantidos com hervas salgadas , contém huma certa quantidade de muriato de ammonia ou sal ammoniaco. ( Ora eu não entendo , como o D.<sup>or</sup> *Marc* , que o autor falla da base do muriato de soda , a qual he assaz conhecida , mas sim do seu acido , cujos principios ainda se ignoram se por ventura não os mostrear *Davy* ).

( 5 ) Lembro-me , diz o D.<sup>or</sup> *Marc* , de haver dado , ha annos , o fosforo internamente com tal successo , que excedeo as minhas esperanças ; o enfermo era de setenta annos de idade , e padecia huma febre *ataxica* ou maligna perigosissima ; o uso do fosforo o livrou immediatamente deste estado. Em tal caso pois não he á combustão do fosforo e á sua mudança em acido fosforico , que , segundo a theoria do autor , deva attribuir-se a cura desta febre.

Tal-



Talvez se dirá que seria mais simples dar  
 o acido fosforico, e que o fosforo empre-  
 gado, longe de produzir o oxygeneo, devia  
 combinar-se com o oxygeneo dos fluidos  
 com que teve contacto? A esta d'úvida res-  
 pondo que attribuo a cura da dita febre á  
 separação do oxygeneo; e que ha casos,  
 a meu entender, em que esta separação  
 póde effectuar-se dando-se substancias muito  
 combustiveis, e por tanto facilmente acidi-  
 ficaveis. (Muito tempo ha que os Inglezes  
 começaram a usar do fosforo como medica-  
 mento incitativo, nós espanhos, na epilep-  
 sia, na mania, na etiguidade, nas febres  
 asthenicas, já desfeito em oleo fixo, já  
 em amendoada, e sobretudo no ether: os  
 Francezes e Italianos tem igualmente usa-  
 do d'elle com feliz successo; sendo dignas  
 de ler-se as obras, que em 1811 publicou  
 o D.<sup>or</sup> Martineli, a memoria que vem en-  
 tre as da sociedade da emulação de Paris,  
 e o Jornal de Coimbra do mez de Abril e  
 seguintes de 1812).

(6) *Carphologia* ou *Carpologia* certo mo-  
 vimento das mãos, com que alguns enfer-  
 mos, especialmente os moribundos, parece  
 que arrancam com os dedos o cotão dos  
 cobertores e dos vestidos, apanham folhas  
 e pennas, e caçam moscas. Este movimen-



to, que muitos autores olharam como convulsivo, he mais effeito da illusão da vista, que começa a turvar-se e extinguir-se. Cumpre que eu advirta que, observando este movimento em enfermidades, que não mostravam perigo, sempre me assustou em quanto não descubri que em hum enfermo era effeito do costume de rezar por contas, e n'uma enferma de tirar ou fazer fios para feridas e chagas.

( 7 ) Não he novo o uso do acido muriatico ou marinho, como remedio prestante nas febres e n'outras enfermidades. Já *Glauber* se empenhou em introduzillo na practica medica, e com exaggeração tal das suas virtudes, que não foi acreditado. Todavia, reputado constantemente este acido pelo mais fraco dos acidos mineraes, delle se tem usado internamente, 1.º enfraquecido com agua, já como optimo refrigerante ou antiflogistico, já como incitativo, robustante, antiseptico, &c.; 2.º misturado e destillado com o alcohol a que se chamava, espirito de sal doce, ether marinho sem embargo de existir sempre o mesmo acido, mais ou menos enfraquecido: era tambem mui louvada a tinctura antefebri de *Clutton*, em que, além do acido vitriolico ou sulfurico, entra o acido marinho, o alcohol,



bol, &c., cuja composição se pôde ver na minha Farmacopéa Lisbonense. Lembro-me de que meus mestres os Senhores Doutores Antonio José Pereira, Antonio José Francisco de Aguiar, Lentes de medicina prática na Universidade de Coimbra, faziam largo uso desta tinctura nas febres, e que aproveitava aos enfermos. Este acido misturado com o vinho constituia noutro tempo o famoso segredo do prior de *Cabrières*. Foi notavel o prestimo do mesmo acido dado na tinctura aperiente de *Meibomio*, a qual, segundo diz *Hoffman*, he huma solução do sal marinho ou muriato de soda com excesso do seu acido, e que *Cullen* suppria dissolvendo meia onça do dito sal em quatro onças de agua, a que ajuntava duas oitavas do acido marinho ou muriatico fortissimo, e desta mistura dava huma ou duas colherinhas em hum copo de agua para augmentar o appetite e suspender os vomitos. A potente virtude deste acido reduzido a vapores para corregir os lugares inficionados, e destruir os miasmas e effluvios malignos, contagiosos, de que se originam as febres malignas, he assaz conhecida, sendo preferivel o acido muriatico oxygenado, até nas enfermidades gallicas. Não fallo nas suas virtudes bem conhecidas, applicado externamente; nem na utilidade que delle se co-



lhe botado na agua que se bebe a bordo das embarcações , e que se pôde ler no *Tratado da suide dos povos* do D.<sup>or</sup> Sanches ; o qual fundado nos experimentos do D.<sup>or</sup> Addington ( *An essay on the scurvy London 1753* ) , affirma ser o acido muriatico ou espirito de sal o mais seguro remedio , e tambem o mais facil , deitando-se duas até tres gottas d'elle em cada meia canada de agua , ou huma onça a cada doze almudes ; e quando se não usar desta precaução com a agua fresca , se poderá usar da mesma quantidade de espirito de sal quando apodrecer no mar , e conforme a maior , ou menor corrupção se poderá augmentar a quantidade do dito espirito.

Se nos portos do mar ( diz o D.<sup>or</sup> Sanches ) houvesse tal providencia , que se achasse espirito de sal ordinario em abundancia , cada qual com hum frasquinho de crystal , que levasse de quatro até seis ouças , com tampão da mesma materia , e huma caixinha de pão , teria com que corregir toda a agua que bebesse pelo espaço de seis mezes , mettendo a cada quartilho duas ou tres gottas , mais ou menos , conforme fosse necessario para emendar o máo cheiro , e a podridão desta bebida ; e se ao mesmo tempo deitasse huma colher de aguardente na mesma agua ficaria huma bebida leve-



mente azeda e com vigor, e gosto agradável, e serviria de remedio a todas as queixas, que sobrevém no mar. — O espirito de sal he o soberano remedio para corrigir, e emendar a podridão dos navios, &c.

( 8 ) O nome de *agua forte*, que geralmente se dava ao acido nitroso ou espirito de nitro, e a sua qualidade corrosiva, foram sem dúvida o motivo de não usar-se d'elle muito tempo como remedio. O que, segundo *Cullen*, foi hum erro, por quanto este acido convenientemente enfraquecido com agua, pode empregar-se com segurança, e goza de todos os poderes e virtudes dos acidos em geral. Temos hum exemplo do seu uso no *nitrum nitratum* de Boerhaave, no qual existe maior quantidade do acido que a necessaria para a saturação do alcali vegetal ou potassa, e de que o mesmo *Cullen* fez frequente uso como remedio refrigerante agradável. Porém, depois que se perdeu o horror á sua qualidade corrosiva, e se vio que esta se podia corrigir, adoçar, e destruir, começou-se a usar d'elle, misturado com agua e assucar, já como eficaz remedio refrigerante, já como incitativo, roborante e antiseptico nas febres vulgarmente chamadas *podres* ou *malignas*, e

n'ou-



n'outras muitas doenças. A agua azedada com o acido nitrico diluido, diz o D.<sup>or</sup> Roberto Graves, (*a conspectus of the London, Edinburgh, and Dublin pharmacopaeias*), he huma das optimas bebidas antiflogisticas e antisepticas nas enfermidades febrís e no *typhus*, em que o seu uso tem muitas vezes produzido notavel utilidade. Cumpre advertir aqui que ha quarenta e quatro annos, eu mesmo tomei o dito acido com agua e assucar, em vez de limonadas, nas viagens que fiz de mar, nos dias calmosos, e que sempre o tenho dado nas enfermidades febrís, em doenças de pelle e gallicas, tendo alfim conhecido por observação, ser mais energico e proveitoso no clima quente e humido da Bahia. Em summa, he este acido mui recomendado pelos medicos e cirurgiões inglezes nas referidas febres, na *hepatitis chronica*, e com especialidade nas doenças gallicas, como se pôde ver em *Beddoes'*, *a collection of testimonies respecting the treatment of the venereal disease by nitrous acid*. O mesmo acido reduzido a vapores desinficiona os lugares inficionados de exhalações e particulas podres, malignas e pestilenciaes, e ha autores que o preferem ao acido marinho ou muriatico.

( 9 ) O acido fosforico, reputado por afrodisiaco ou incitativo venereo, he recom-  
men-



mendado por *Lentin* na etiguidade purulenta; e delle se usa como incitativo e antiseptico, e como refrigerante. Veja-se o *Jornal de Coimbra*, mez de Maio de 1812.

( 10 ) Certo que nenhum medico confiou ainda ou confiará unicamente na virtude dos acidos vegetaes, quer nativos, quer artificiaes, para sanear *febres hum pouco graves*; e todavia não pôde entrar em dúvida a sua salubridade já como alimento, já como remedio refrigerante, já como brando incitativo, antiseptico, util nas febres esthenicas e asthenicas, na dysenteria, no escorbuto, &c. A sua utilidade estriba na experiencia de todos os seculos, e na constante observação dos practicos, que delles tem usado, misturados com agua e assucar, por bebida ordinaria, sempre que o calor do corpo he preternatural. A extraordinaria abundancia, que ha dos mesmos acidos, isto he, das fructas, que os contêm, nos paizes e nas estações quentes, comprova a dita utilidade nas referidas doenças, e a providencia da natureza, a qual onde dá o mal, dá logo a mezinha. Não obsta ao seu uso o hydrogenio e o carbonio de que elles constam, porque tambem existe nelles o oxygeno, e quando a virtude de hum remedio he appoiada na verdadeira observação;



ção , frustraneos são os argumentos de subtilisadores de theorias. Demais se estes acidos não convém em razão dos ditos principios ; porque determina que se ajunte aos acidos mineraes substancias espirituosas como o alcohol , &c. que abundam de hydrogeneo e de carbonio ? Lembro-me de ler a dissertação da febre podre de *Kirby* , medico inglez , na qual , depois de recommendar muito o acido vitriolico ou sulfurico diluido , asseverava que se curaria mais facilmente se os inglezes possuissem os limões , que os portuguezes possuem. As virtudes do sumo de limão , poderoso e agradável antiseptico , crescem muito , diz o *D.<sup>or</sup> Wright* , saturando-o de sal commum ou muriato de soda , e recommenda esta mistura , como medicamento efficacissimo , na dysenteria , na febre remittente , na colica , na esquinencia , e quasi especifico na diabetes e na lienteria. He porém de notar que nos acidos nativos existe certa materia fermentavel , a qual , sendo recebida no estomago com inclinação para a acescencia , o acido padece certa fermentação acompanhada de flatulencia , de maior azedume e de outros symptomas da dyspepsia ou indigestão , sem que todavia se diminua a sua virtude refrigerante , ou resulte grande mal ao systema , afora nos casos de gota , ou de

pe-



pedra nos rins, em que a diminuição do vigor do estomago pôde ser nociva. Ao ponto em virtude desta inclinação acedente do estomago, sendo o azedume maior, e talvez de huma natureza singular, unindo-se com a cholera ou mais depressa com a sua soda ou alcali mineral, pôde formar hum sal purgativo, o qual, ajudado daquelle materia verde, resinosa, que ficou solta, mediante esta nova união, occasione a menor ou maior diarrhea e as dores de tripas, que algumas vezes acompanham a operação purgativa. Estes inconvenientes poderão remedear-se quasi sempre ajuntando aos mesmos acidos certa quantidade de qualquer licor espirituoso ou aguardente, o que constitue o ponche optimo incitativo. Finalmente a respeito dos acidos vegetaes quer fermentados, quer nativos e dos fructos, não posso dispensar-me de transcrever aqui o que diz o citado Sanches, a saber, a provisão de vinagre em hum exercito havia de ser tão consideravel, que iguallasse á da farinha, azeite, e sal. He erro dizer-se que o vinagre he o vinho podre, ou corrupto. O vinagre não he mais que o mesmo vinho fermentado huma vez mais. — He erro introduzido vulgarmente nos medicos, ignorantes da quimica, o dizerem que o vinagre coalha o sangue; pelo con-

tra-



trario o dissolve : o vinagre misturado com o vinho , ou alguma porção de aguardente , ou só , ou desfeito na agua , he o mais universal , e soberano remedio em todos os males , que tratam os cirurgiões ; nas feridas , fracturas , deslocações , fluxos de sangue , herpes , &c ; interiormente resiste á podridão do fel , e dos mais humores ; he sudurifico , principalmente misturado com alcanfor. — Os exercitos Romanos usavam do vinagre , misturado com agua , por bebida ordinaria que chamavam *Posca*. *Pescenius Niger* Imperador o ordenou assim por lei militar , como refere *Spartiano*. Deveria o Soldado levar com sigo nas marchas hum frasco de vinagre como leva ordinariamente outro com agua : lhe serviria para refrescar-se , e corrigir as aguas ás vezes encharcadas , e impuras , que he obrigado beber por todo o tempo da campanha , e além de ser tão util , e necessario para a bebida , lhe serviria tambem de alimento. — Bem me parece ser superfluo indicar as virtudes dos limões , e laranjas azedas aos Portuguezes intelligentes : todos sabem o soberano remedio , que são contra as molestias do mar , e quanto resistem á podridão dos humores. — Eu não conheço remedio mais excellente na cura de todas as febres , como são os limões azedos : parece que a

Sum-



Summa Providencia fez tão abundantes delles todas as terras meridionaes, e entre os tropicos, com tal maravilha, que tanto mais o clima he ardente, mais azeda he esta fructa: o seu azedo tem huma excellencia, que não se acha nem no vinagre, nem nos tamarindos, nem em algum espirito mineral destillado, como são os de vitriolo, de sal, e de enxofre; consiste pois em que ao mesmo tempo he aromatico: no limão existe hum oleo aromatico penetrante, mais na casca que no sumo, o qual he juntamente azedo; estas duas propriedades unidas refrescam, e emendam a podridão dos nossos humores, e provêm a transpiração e a evacuação das urinas. — Destes sumos, isto he, espessos para se conservarem, diz o mesmo Sanches, se poderiam fazer excellentes bebidas contra as febres, camaras, desmaios, ictericias com febre, desfeitos em agua com assucar, e huma leve porção de aguardente, de tal modo, que a bebida ficasse agro-doce, com o gosto de aguardente: serviria tambem para corrigir a podridão da agua, misturando ao mesmo tempo algumas gottas de aguardente: seria a mais saudavel bebida sobre o mar, e a mais salutifera contra todas as doenças, que se experimentam navegando, principalmente entre os tropicos.



( 11 ) Ainda quando a minuciosa analyse da quina, feita por *Fourcroy*, na qual o Doutor *Reich* pretende escorar tambem a sua theoria do oxygeneo, não apresentasse productos manifestamente formados pela reacção dos principios, durante a mesma analyse, ou pela acção dos reactivos; e que na quina existisse essa cópia de oxygeneo, que o Doutor *Reich* suppõe, está no estado de combinação com os mesmos principios, que, a seu entender, obstat á virtude do oxygeneo, a saber, o hydrogeneo e o carbonio, que entram na composição dos acidos carbonico, oxalico, citrico, malico, acetoso, que *Fourcroy* tirou da quina, além do carbonio e do sulfato e muriato de potassa. Muito embora attribua *Reich* a virtude da quina e de outras cascas ao oxygeneo existente nellas na razão directa da sua densidade, *Westring* ao tan, *Seguin* á gelatina, *Deschamps* ao cinchonato de cal, *Duncan* ao cinchonio; eu attribuirei constantemente a poderosa virtude incitativa permanente da quina á combinação de todos os seus principios constitutivos proximos, em quanto não houverem observações, que mostrem que, dados separadamente, a sua acção he mais energica que a da quina em pó, ou daquellas suas preparações, que encerram maior numero des-



destes principios. Os feitos ou as observações verdadeiras e os experimentos são os appoios firmes e seguros em que deve estabelecer a virtude de hum medicamento, e não os raciocinios illusorios e as analyses quimicas, que de ordinario são bases ruinosas das suas virtudes e outros tantos motivos do erro. Com effeito não conhecemos melhor as virtudes da quina depois da minuciosa e forçada analyse que fez della *Fourcroy*, e das que fizeram *Mirabeli*, *Cadet*, *Maton*, *Vauquelin*, *Duncan* e outros do que sem ellas conheceram *Morton*, *Torti*, *Werlhof*. A quina diz *J. Murray*, tem sido muitas vezes analysada, mas os seus principios constitutivos proximos não estão atégora bem determinados. *Cinchona has often subjected to chemical examination, but its constituent proximate principles are still not Well determinet.*

( 12 ) Tendo o autor no §. LXVIII. desapprovado os acidos vegetaes por contem hydrogeno e carbonio, neste diz que se as circumstancias exigirem, pode ajuntar-se aos acidos mineraes algumas oitavas de qualquer substancia espirituosa ou irritante, a saber, de aguardente ou espirito de vinho, de aguardente de canna, cachaça, genebra, &c., cuja base he o alcohol, que



que consta de hydrogeneo e de carbonio, e daquela quantidade de oxygeneo, que forma a agua, que na sua composição entra. Em summa não ha substancia alguma irritante sem hydrogeneo e carbonio.

( 13 ) O uso dos aréometros, que mostram o pezo especifico dos liquidos e determinam a sua força, he tão conhecido e frequente em frança e inglaterra como desconhecido e rarissimo ou nunca practicado entre os nossos boticarios: assique essa força constante que o autor consideradamente requer nos acidos, para a exacção das resultas, a não poderemos conseguir dos ditos boticarios, variando por tanto os acidos, na sua força e pureza. He sabido que o acido nitrico ou nitroso, que elles vendem, está sempre inquinado do acido marinho ou muriatico e do sulfurico ou vitriolico, e não se cançam com purificallo. Não ha muito tempo que, receitando eu o acido marinho ou muriatico para alguns enfermos, vim a saber que tomavam o nitroso, o qual he muito mais activo e forte que aquelle; este engano ou ignorancia dos boticarios poderia prejudicar se eu tivesse determinado certa dose do acido, e não costumasse fazer azedar com elle huma determinada quantidade de agua com assucar



car até ficar huma bebida agri-doce; e se por ventura as virtudes dos acidos mineraes não fossem semelhantes. Em consequencia da referida falta do conhecimento e uso dos aréometros não se pode jamais conseguir que o alcohol, o espirito de vinho ou aguardente, &c, em que se fazem as tincturas e outras preparações, tenham aquelle gráo de força, que se requer, segundo os principios e a natureza dos ingredientes.

( 14 ) Muito tempo ha que se usa dos acidos na tísica, especialmente do acido vitriolico ou sulfurico, misturado com as substancias espirituosas, que o autor aqui aponta em contradicção do que disse no §. LXVIII. O elixir de vitriolo acido de *Mynsicht*, publicado com encomios, tem sido geralmente recebido na practica dos melhores medicos: *Antonio de Huen* o deu algumas vezes com fructo por muitos annos na tísica, e hoje se dá ainda na mesma molestia, na etiguidade purulenta, mormente quando os suores são copiosos, ou só em agua, ou misturado com a quina. *Cullen* porém prefere o acido sulfurico diluido a este elixir, asseverando que não pode reconhecer neste primazia em razão dos aromaticos: eu, sem embargo de notar na mi-  
 nha



na pharmacopéa lisbonense as imperfeições desta preparação, ainda não deixei de fazer uso d'elle naquellas e noutras enfermidades, attendendo unicamente ao acido, que os enfermos de boa mente, e sem temor tomam.

( 15 ) Verdade he que nem os antigos medicos, nem os modernos davam o acido vitriolico ou sulfurico nas febres, com mão tão larga como o D.<sup>or</sup> *Reich*, mas tambem não eram mesquinhos na quantidade. Confiavam sobre maneira nas suas virtudes, e o misturavam com agua, cozimentos, ou xarope, e assim usavam d'elle ja como remedio refrigerante e antiflogistico, ja como medicamento incitativo, roborante, adstringente, antiseptico, &c, nas febres, hemorrhagias, sarna, e noutras enfermidades. Este acido era a ancora medicinal de *Sydenhão* nas bexigas, e tambem de *Tissot*. O prudente practico *Quarin* recorre muitas vezes a elle e o dá com mão larga em varias doencas. Verdade he tambem que nenhum medico confia sómente nas suas virtudes para curar as enfermidades, e que ao mesmo tempo recorrem a outros remedios reputados por igualmente ou mais efficazes, mas quem jamais em huma molestia grave ousará pôr a sua esperanza em hum



só remedio? Nem o autor, que tanto exaggéra as virtudes dos acidos, confia nelles, pois recommenda que se lhe ajunte outras substancias quando as circunstancias exigirem, ou se use de outros remedios, como purgas, vomitorios, &c. Lembro-me ao ponto de ouvir a hum estudante de Coimbra, que seu mestre, lente de practica na universidade, pretendendo refutar a doutrina de *Brown*, que alli começava a conhecer-se, e mostrar que os acidos eram capazes de curar as febres podres ou *typhus* escolhera para exemplo hum enfermo accommettido de *typhus*, e começou a tratallo sómente com o acido sulfurico ou vi-triolico atéque alfim morreo. Que immitavel exemplo!

( 16 ) Pelo contrario todos ignoram essa supposta riqueza de oxygeno no alcohol, na aguardente, &c. e sabem que estas substancias constam de muito hydrogeno e carbonio, e que nao contém mais oxygeno do que aquelle que entra na composição da agua, que anda sempre misturada com as ditas substancias. Parecia que constando a agua de 0, 85 de oxygeno e 6, 15 do hydrogeno, e por conseguinte, contendo maior quantidade daquelle do que qualquer dos acidos mineraes, devia ser mais efficaz e



energica nas febres do que os mesmos acidos, mas como estes sómente se dão em agua, nesta mistura se dá o oxygeno de todos os ingredientes.

F I M.















